

O PASSADO JAMAIS ME ESQUECERÁ



RESTAURA-ME

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

TAHEREH MAFI

UNIVERSO DOS LIVROS

Material com direitos autorais

Colaboração: **Guilherme Summa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M161r

Mafi, Tahereh

Restaura-me / Tahereh Mafi ; tradução de
Mauricio Tamboni. -- São Paulo : Universo
dos Livros, 2018.

352 p. (Estilhaça-me ; 4)

ISBN: 978-85-503-0299-7

Título original: Restore me

1. Ficção norte-americana I. Título II. Tamboni, Mauricio

18-0296

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Juliette

Não acordo mais gritando. Não sinto náusea ao ver sangue. Não tremo antes de apertar o gatilho de uma arma.

Nunca mais pedirei desculpas por sobreviver.

E ainda assim...

Fico imediatamente assustada com o barulho de uma porta se abrindo bruscamente. Disfarço um arquejo, dou meia-volta e, por força do hábito, descanso as mãos no punho de uma semiautomática no coldre preso à lateral do meu corpo.

– J, temos um sério problema.

Kenji me encara, olhos estreitados, mãos na cintura, camiseta justa no peito. Esse é o Kenji furioso. O Kenji preocupado. Já se passaram 16 dias desde que tomamos o Setor 45, desde que me coroei comandante suprema do Restabelecimento, e tudo tem permanecido em silêncio. Em um silêncio enervante. Todos os dias, acordo tomada em parte por terror, em parte por satisfação, ansiosamente aguardando os ataques inevitáveis das nações inimigas que desafiarão minha autoridade e declararão guerra contra nós. E agora parece que esse momento finalmente chegou. Então respiro fundo, estalo o pescoço e olho nos olhos de Kenji.

– Fale.

Ele aperta os lábios. Olha para o teto.

– Então... Certo... A primeira coisa que precisa saber é que o que aconteceu não foi culpa minha, entendeu? Eu só estava

tentando ajudar.

Hesito. Franzo o cenho.

– O quê?

– Quer dizer, eu sabia que aquele idiota era extremamente dramático, mas o que aconteceu ultrapassou o nível do ridículo...

– Perdão, mas... o quê? – Afasto a mão da arma; sinto meu corpo se acalmar. – Kenji, do que você está falando? Não é da guerra?

– Guerra? O quê?! J, você não está prestando atenção? Seu namorado está tendo um acesso de raiva absurdo agora e você precisa acalmar aquele bundão antes que eu mesmo faça isso.

Irritada, solto o ar em meus pulmões.

– Você está falando sério? Outra vez esta bobagem? Pelo amor de Deus, Kenji! – Solto o coldre preso em minhas costas e jogo-o para trás, na cama. – O que foi que você fez desta vez?

– Está vendo? – Ele aponta para mim. – Está vendo? Por que você se apressa tanto em julgar, hein, princesa? Por que parte do pressuposto de que fui *eu* quem fez algo errado? Por que eu? – Cruza os braços na altura do peito, baixa a voz e continua: – E, sabe, para dizer a verdade, já faz algum tempo que quero conversar com você, porque tenho a sensação de que, como comandante suprema, não pode demonstrar tratamento preferencial assim, mas claramente...

De repente, Kenji fica paralisado.

Ao ouvir o ranger da porta, arqueia as sobrancelhas; um leve clique e seus olhos se arregalam; um farfalhar abafado indicando movimento e, de um segundo para o outro, o cano

de uma arma é pressionado contra a parte de trás da sua cabeça. Kenji me encara. De seus lábios não sai nenhum som enquanto ele articula a palavra *psicopata* repetidas vezes.

De onde está, o psicopata em questão pisca um olho para mim, sorrindo como se não estivesse segurando uma arma contra a cabeça de um amigo em comum. Consigo disfarçar a risada.

– Continue – Warner ordena, ainda sorrindo. – Por favor, conte o que exatamente ela fez na posição de líder para decepcioná-lo.

– *Ei...* – Kenji ergue os braços para fingir que está se rendendo. – Eu nunca disse que ela me decepcionou em nada, está bem? E você claramente exagera em suas reações...

Warner bate a arma na lateral da cabeça de Kenji.

– Idiota.

Kenji dá meia-volta. Puxa a arma da mão de Warner.

– Qual é o seu problema, cara? Pensei que estivéssemos bem.

– Estávamos – Warner retruca friamente. – Até você encostar no meu *cabelo*.

– Você me pediu para cortá-lo.

– Eu não falei nada disso, não, senhor! Pedi para você aparar as pontas!

– E foi isso que fiz.

– Isto aqui – Warner diz, virando-se para mim para que eu possa avaliar os danos. – Isto não é aparar as pontas, seu idiota incompetente...

Fico boquiaberta. A parte traseira da cabeça de Warner está uma bagunça de fios cortados dos mais diversos tamanhos

combinados com outras áreas completamente raspadas.

Kenji se arrepia ao olhar o próprio trabalho. E pigarreja.

– Bem... – diz, enfiando as mãos nos bolsos. – Assim, tipo... Não importa, cara. Beleza é uma coisa subjetiva...

Warner aponta outra arma para ele.

– Ei! – Kenji grita. – Não vou aceitar esse tipo de relacionamento abusivo, entendeu? – Vira-se para Warner. – Eu não topei participar para ter que lidar com esta merda.

Warner lança um olhar fulminante e Kenji recua, saindo do quarto antes que Warner tenha outra chance de reagir. E então, justamente quando deixo escapar um suspiro de alívio, Kenji passa outra vez a cabeça pela porta e provoca:

– Para dizer a verdade, achei que o corte ficou uma gracinha.

E Warner bate a porta na cara dele.

Bem-vindo à minha nova vida como comandante suprema do Restabelecimento.

Warner continua olhando para a porta enquanto exala, liberando a tensão de seus ombros, e consigo enxergar ainda mais claramente a bagunça que Kenji fez. Os cabelos espessos, lindos e dourados de Warner – um traço marcante de sua beleza – agora picotados por mãos descuidadas.

Um desastre.

– Aaron – chamo baixinho.

Ele parece cabisbaixo.

– Venha aqui comigo.

Ele dá meia-volta, espiando-me de canto de olho, como se

tivesse feito alguma coisa de que se envergonhar. Empurro as armas que estão sobre a cama, abrindo espaço para que se ajeite ao meu lado. Com um suspiro entristecido, ele afunda o corpo no colchão.

– Estou horroroso – resmungo baixinho.

Sorrindo, nego com a cabeça e toco sua bochecha.

– Por que você o deixou cortar seu cabelo?

Agora Warner olha para mim com olhos redondos, verdes e perplexos.

– Você me pediu para passar um tempo com ele.

Dou uma risada escandalosa.

– E só por isso você deixou Kenji cortar seu cabelo?

– Eu não deixei ninguém *cortar* meu cabelo – insiste, fechando a cara. – Foi... – hesita. – Foi um gesto de camaradagem. Um ato de confiança que já vi ser praticado entre meus soldados. De todo modo... – Ele vira o rosto antes de prosseguir: – Não tenho nenhuma experiência em fazer amigos e criar amizades.

– Bem... Nós somos amigos, não somos?

Minhas palavras o fazem sorrir.

– Hein? – Cutuco-o. – Isso é bom, não é? Você está aprendendo a ser mais gentil com as pessoas.

– Sim, bem, eu não quero ser mais gentil com as pessoas. Não combina comigo.

– Acho que combina muito bem com você – retruco, com um sorriso enorme no rosto. – Eu adoro quando você é gentil.

– Para você, é fácil falar. – Warner quase dá risada. – Mas ser gentil não é algo que acontece naturalmente para mim, meu amor. Você terá de ser paciente com o meu progresso.

Seguro sua mão.

– Não tenho a menor ideia do que está falando. Para mim, você é totalmente gentil.

Warner nega com a cabeça.

– Sei que prometi fazer um esforço para ser mais bondoso com seus amigos, e continuarei me esforçando neste sentido, mas espero não tê-la levado a acreditar que sou capaz de algo impossível.

– O que quer dizer com isso?

– Só estou dizendo que espero não decepcioná-la. Eu consigo, se pressionado, produzir algum grau de calor humano, mas você precisa saber que não tenho interesse em tratar ninguém da maneira como a trato. *Isto aqui* – diz, tocando o ar entre nós – é uma exceção a uma regra muito dura. – Seus olhos agora focam meus lábios; suas mãos tocam meu pescoço. – *Isto...* Isto é algo muito, muito incomum.

Eu paro

paro de respirar, de falar, de pensar...

Warner mal me tocou e meu coração já está acelerado; lembranças se apoderam de mim, escaldam-me em suas ondas; o peso de seu corpo contra o meu; o sabor de sua pele; o calor de seu toque e suas arfadas desesperadas em busca de ar e as coisas que ele me falou no escuro.

Sou invadida por leve desejo e forço-me a afastar a sensação.

Isso ainda é tão novo, o toque dele, a pele dele, o cheiro dele. Tão novo, tão novo e tão incrível...

Warner sorri, inclina a cabeça; imito o movimento e, com uma leve lufada de ar, seus lábios se entreabrem e eu fico

parada, meus pulmões quase saltando pela boca, meus dedos segurando sua camisa e ansiando pelo que vem depois disso até que ele diz:

– Sabe, vou ter que raspar a cabeça.

E se afasta.

Pisco, perplexa, e Warner ainda não está me beijando.

– E, sinceramente, tenho esperanças de que você continue me amando quando eu voltar – conclui.

Ele então se levanta e vai embora e eu conto em uma das mãos o número de homens que matei e me impressiono com quão pouca ajuda essas mortes me deram para manter o controle na presença de Warner.

Assinto com a cabeça quando ele se despede com um aceno, reúno meu bom senso de onde o abandonei e caio para trás na cama, a cabeça girando, as complicações de guerra e paz dominando a minha mente.

Não pensei que seria exatamente *fácil* ser líder, mas acho que acreditei que seria mais fácil que isso:

Pego-me atormentada por dúvidas a todo momento, dúvidas sobre as decisões que tomei. Fico furiosamente surpresa toda vez que um soldado segue minhas ordens. Estou cada vez mais aterrorizada com a possibilidade de que teremos – de que *eu* terei – de matar muitos, muitos mais antes que esse mundo se acalme. Mas acho que é o silêncio, mais do que qualquer outra coisa, que tem me deixado abalada.

Já se passaram 16 dias.

Fiz discursos sobre o que está por vir, sobre nossos planos

para o futuro; fizemos homenagens às vidas perdidas na batalha e estamos nos saindo bem em nossas promessas de implementar mudanças. Castle, fiel à sua palavra, já está trabalhando duro, tentando enfrentar os problemas de agricultura, irrigação e, o mais urgente, buscando a melhor forma de fazer a transição dos civis para fora dos complexos. No entanto, isso será feito em estágios; será uma construção lenta e cuidadosa – uma luta pelo planeta, uma luta que pode durar um século. Acho que todos entendemos essa parte. E se eu só precisasse me concentrar nos civis, não estaria tão preocupada. Contudo, fico tensa porque sei muito bem que nada pode ser feito para consertar esse mundo se passarmos as próximas várias décadas em guerra.

Mesmo assim, sinto-me pronta para lutar.

Não é o que quero, mas irei tranquila para a guerra se ela for necessária para promover mudanças. Só queria que fosse simples. Neste exato momento, meu maior problema também é o mais confuso:

Para lutar uma guerra é preciso haver inimigos, e parece que eu não consigo encontrar nenhum.

Nos 16 dias desde que atirei na testa de Anderson, não enfrentei nenhuma oposição. Ninguém tentou me prender. Nenhum comandante supremo me desafiou. Dos 544 outros setores existentes só neste continente, nenhum me insultou, declarou guerra ou falou mal de mim. Ninguém protestou; as pessoas não promoveram nenhum motim. Por algum motivo, o Restabelecimento está jogando o meu jogo.

Fingindo jogá-lo.

E isso me irrita muito, demais.

Estamos em um impasse estranho, parados em posição neutra enquanto quero desesperadamente fazer mais. Mais pelo povo do Setor 45, mais pela América do Norte, mais pelo mundo como um todo. Mas esse estranho silêncio nos deixou desequilibrados. Tínhamos certeza de que, com Anderson morto, os outros comandantes supremos se levantariam – que enviariam seus exércitos para nos destruir – para *me* destruir. Em vez disso, os líderes do mundo deixaram clara a nossa insignificância: estão nos ignorando como ignorariam uma mosca, prendendo-nos debaixo de um copo onde ficamos livres para zumbir quanto quisermos, para bater nossas asas quebradas nas paredes somente pelo tempo que o oxigênio durar. O Setor 45 me deixou livre para fazer o que eu quisesse; recebemos autonomia e autoridade para revisar nossa infraestrutura sem qualquer interferência. Todos os demais lugares – e todas as demais pessoas – estão fingindo que nada no mundo mudou. Nossa revolução aconteceu em um vácuo. Nossa vitória subsequente foi reduzida a algo tão pequeno que talvez nem mesmo exista.

Jogos psicológicos.

Castle sempre dá as caras, traz conselhos. Foi sugestão dele que eu fosse proativa – que me fortalecesse para controlar a situação. Em vez de simplesmente esperar ansiosa e na defensiva, eu deveria agir, ele disse. Deveria marcar presença. Reivindicar meu poder, ele disse. Ocupar um lugar na mesa de negociação. E tentar formar alianças antes de dar início a ataques. Manter contato com os 5 outros comandantes supremos espalhados pelo mundo.

Afinal, eu posso falar pela América do Norte, mas e o resto

do mundo? E a América do Sul? Europa? Ásia? África? Oceania?

Promova uma conferência entre líderes internacionais, ele disse.

Converse.

Busque primeiro a paz, ele disse.

– Eles devem estar morrendo de curiosidade – Castle me falou. – Uma menina de dezessete anos assumindo o controle da América do Norte? Uma adolescente que mata Anderson e se declara governante deste continente? Senhorita Ferrars, você precisa saber que possui um enorme poder neste momento! Use-o a seu favor!

– Eu? – repliquei impressionada. – Que poder tenho eu?

Castle suspirou.

– Certamente, é muito corajosa para a sua idade, senhorita Ferrars, mas sinto por ver sua juventude tão intrinsecamente ligada à inexperiência. Vou tentar colocar de maneira clara: você tem uma força sobre-humana, uma pele quase invencível, um toque letal, só dezessete anos e, sozinha, derrubou o déspota desta nação. E ainda assim duvida que pode ser capaz de intimidar o mundo?

Suas palavras me fizeram estremecer.

– Velhos hábitos, Castle – respondi baixinho. – Hábitos ruins. Você está certo, obviamente. É claro que está certo.

Ele me olhou diretamente nos olhos.

– Precisa entender que o silêncio coletivo e unânime de seus inimigos não é nenhuma coincidência. Eles certamente estão em contato uns com os outros, certamente concordaram em adotar essa abordagem. Porque estão

esperando para ver o que você fará a seguir. – Castle balançou a cabeça. – Estão aguardando seu próximo movimento, senhorita Ferrars. E imploro que faça um bom movimento.

Então, estou aprendendo.

Fiz o que ele sugeriu e 3 dias atrás enviei uma nota por Delalieu e fiz contato com os 5 outros comandantes supremos do Restabelecimento. Convidei-os para um encontro aqui, no Setor 45, em uma conferência de líderes internacionais no próximo mês.

Exatamente 15 minutos antes de Kenji entrar em meu quarto, eu havia recebido a primeira resposta.

A Oceania concordou.

Mas não sei direito o que isso significa.

Warner

Ultimamente, não tenho sido eu mesmo.

A verdade é que não sou eu mesmo há o que parece ser um bom tempo, tanto que comecei a me perguntar se eu, em algum momento, soube quem fui. Sem piscar, encaro o espelho enquanto o chiado da máquina de raspar cabelos ecoa pelo cômodo. Meu rosto só está levemente refletido na minha direção, mas é o bastante para eu perceber que perdi peso. Minhas bochechas estão afundadas; meus olhos, maiores; as maçãs do rosto, mais pronunciadas. Meus movimentos são ao mesmo tempo lúgubres e mecânicos enquanto raspo meus próprios cabelos, enquanto o que restava de minha vaidade cai aos meus pés.

Meu pai está morto.

Fecho os olhos, preparando-me para o desagradável peso no peito, a máquina ainda chiando em meu punho fechado.

Meu pai está morto.

Já se passaram pouco mais de duas semanas desde que ele foi assassinado com dois tiros na testa por alguém que eu amo. Ela estava me fazendo uma gentileza ao matá-lo. Foi mais corajosa que eu fui durante toda a vida, apertou um gatilho que eu nunca consegui apertar. Ele era um monstro. Merecia algo ainda pior.

E ainda assim...

Essa dor.

Respiro com dificuldade e forço meus olhos a se abrirem, grato pela primeira vez por estar sozinho; grato, de alguma maneira, pela oportunidade de extirpar alguma coisa, qualquer coisa, que seja parte da minha pele. Existe uma estranha catarse no que estou fazendo.

Minha mãe está morta, penso, enquanto deslizo a lâmina por meu crânio. *Meu pai está morto*, penso, enquanto os fios caem no chão. Tudo o que fui, tudo o que fiz, tudo o que sou foi forjado pelas ações e inações deles.

Quem sou eu, indago, na ausência dos dois?

Cabeça raspada, máquina desligada, passo a mão pelo limite da minha vaidade e inclino o corpo, ainda tentando vislumbrar o homem que me tornei. Sinto-me velho e instável, coração e mente em guerra. As últimas palavras que disse a meu pai...

– Oi.

Meu coração acelera e dou meia-volta; imediatamente finjo indiferença.

– Oi – respondo, forçando minhas mãos a se acalmarem, a permanecerem estáveis enquanto espano os fios de cabelo caídos em meus ombros.

Ela me observa com olhos enormes, lindos e preocupados. Lembro-me de sorrir.

– Como fiquei? Espero que não esteja horrível demais.

– Aaron – fala baixinho. – Está tudo bem com você?

– Tudo certo – respondo, e olho outra vez para o espelho. Passo a mão pelos míseros centímetros de fios macios e espetados que me restaram e penso em como o corte me conferiu uma aparência mais durona, além de fria, do que

antes. – Mas confesso que, sinceramente, não me reconheço – acrescento, tentando rir. Estou parado no meio do banheiro, usando apenas uma cueca boxer. Meu corpo nunca esteve tão magro, a linha marcada dos músculos nunca foram tão definidas; e a aparência terrível do meu físico agora está combinando com o corte de cabelo grosseiro de uma maneira que parece quase bárbara, tão diferente de mim que preciso desviar o olhar.

Juliette agora está bem diante de mim.

Suas mãos descansam em meus quadris e me puxam para a frente; tropeço um pouco para acompanhá-la.

– O que está fazendo? – começo a falar, mas quando nossos olhos se encontram, deparo-me com doçura e preocupação. Alguma coisa derrete dentro de mim. Meus ombros relaxam e eu a puxo para perto, respirando fundo durante meus movimentos.

– Quando vamos falar sobre esse assunto? – ela diz, encostada em meu peito. – Sobre tudo? Tudo o que aconteceu...

Estremeço.

– Aaron.

– Eu estou bem – minto para ela. – É só cabelo.

– Você sabe que não é disso que estou falando.

Desvio o olhar. Fito o vazio. Ficamos em silêncio, os dois, por um instante.

É Juliette quem, finalmente, rompe esse silêncio.

– Você está bravo comigo? – sussurra. – Por atirar nele?

Meu corpo fica paralisado.

Os olhos dela, arregalados.

– Não... *não* – respondo, pronunciando as palavras rápido demais, mas com sinceridade. – Não, é claro que não. Não se trata disso.

Juliette suspira.

– Não sei se você sabe, mas é normal ficar de luto pela perda do pai, mesmo que ele tenha sido uma pessoa terrível. Sabe? – Ela olha nos meus olhos. – Você não é um robô.

Engulo o nó se formando em minha garganta e, com delicadeza, desvencilho-me de seus braços. Beijo a bochecha dela e fico ali parado, contra sua pele, só por um segundo.

– Preciso tomar banho.

Ela parece inconsolável e confusa, mas não sei o que mais fazer. Adoro sua companhia, verdade seja dita, mas agora me sinto desesperado por um momento de solidão e não sei de que outra forma consegui-lo.

Então, tomo uma chuveirada. Tomo banhos de banheira. Faço longas caminhadas.

Faço muito isso.

Quando finalmente vou para a cama, ela já está dormindo.

Quero estender a mão em sua direção, puxar seu corpo macio e quente para perto do meu, mas estou paralisado. Esse sofrimento horrível faz que eu me sinta cúmplice na escuridão. Tenho medo de que a minha tristeza seja interpretada como um aval das escolhas dele – da sua própria existência – e, quanto a esse assunto, não quero ser mal interpretado, então não posso admitir que sinto dor por ele, que me importo com a perda desse homem tão monstruoso

que me criou. E, na ausência de uma ação saudável, continuo inerte, uma pedra senciente, resultante da morte de meu pai.

Você está bravo comigo? Por atirar nele?

Eu o odiava.

Eu o odiava com uma intensidade violenta que nunca mais voltei a sentir. Mas o fogo do verdadeiro ódio, percebo, não pode existir sem o oxigênio da afeição. Eu não sentiria tanta dor ou tanto ódio se não me importasse.

E isso, minha afeição indesejada por meu pai, sempre foi minha maior fraqueza. Então fico deitado aqui, cozinhando em fogo lento uma dor sobre a qual nunca posso falar, enquanto o arrependimento corrói meu coração.

Sou órfão.

– Aaron? – ela sussurra, e sou arrastado de volta para o presente.

– Sim, meu amor?

Juliette se movimenta sonolenta, ajeita-se de lado e cutuca meu braço com a cabeça. Não consigo conter o sorriso enquanto acomodo o corpo para abrir espaço para ela se aconchegar em mim. Juliette rapidamente preenche o vazio, encostando o rosto em meu pescoço e envolvendo o braço em minha cintura. Meus olhos se fecham como se em oração. Meu coração volta a bater.

– Sinto sua falta – ela diz em um sussurro que quase não consigo captar.

– Estou bem aqui – respondo, tocando com carinho sua bochecha. – Estou bem aqui, meu amor.

Mas ela faz que não com a cabeça. Mesmo enquanto a puxo mais para perto de mim, mesmo enquanto volta a dormir, ela

faz que não.

E eu me pergunto se não está errada.

Juliette

Estou tomando café da manhã desacompanhada – sozinha, mas não solitária.

O salão do café está repleto de rostos familiares, todos nós botando o papo em dia a respeito de alguma coisa: sono, trabalho, conversas não concluídas. Os níveis de energia aqui sempre dependem da quantidade de cafeína que consumimos e, nesse momento, tudo ainda está bem silencioso.

Volto minha atenção para Brendan, que está bebericando do mesmo copo de café a manhã toda, e ele acena para mim. Aceno de volta. É o único entre nós que realmente não precisa de cafeína. Seu dom de criar eletricidade também funciona como um gerador reserva para todo o seu corpo. Ele é a exuberância personificada. Aliás, seus cabelos totalmente brancos e olhos azuis da cor do gelo parecem emanar uma energia própria, mesmo estando do outro lado da sala. Começo a pensar que, com o copo de café, Brendan está tentando manter as aparências em grande parte por solidariedade a Winston, que parece não conseguir sobreviver sem a bebida. Os dois se tornaram inseparáveis ultimamente – embora Winston às vezes se ressinta da vivacidade natural de Brendan.

Eles já passaram por muita coisa juntos. Todos passamos.

Brendan e Winston estão sentados com Alia, que mantém seu caderno de desenho aberto ao lado, sem dúvida

esboçando alguma ideia nova e impressionante para nos ajudar na batalha. Estou cansada demais para sair do lugar, senão me levantaria para me unir ao grupo. Então, em vez disso, apoio o queixo em uma das mãos e estudo o rosto de cada um de meus amigos, sentindo gratidão. Porém, as cicatrizes no rosto de Brendan e no de Winston me levam de volta a um momento que eu preferiria esquecer – de volta a um momento em que pensamos tê-los perdido. Quando perdemos outros dois. E de repente meus pensamentos são pesados demais para o café da manhã. Então desvio o olhar. Tamborilo os dedos na mesa.

Era para eu encontrar Kenji no café da manhã – é assim que começamos nossos dias de trabalho –, e esse é o único motivo pelo qual ainda não peguei meu prato de comida. Infelizmente, seu atraso já começa a fazer meu estômago roncar. Todos na sala já estão atacando suas pilhas de panquecas macias que, por sinal, parecem deliciosas. Tudo é tentador: os pequenos frascos de *maple syrup*, os montes perfumados de batatas, as tigelinhas de frutas frescas. No mínimo, matar Anderson e assumir o Setor 45 nos trouxe opções muito melhores de café da manhã. Mas acho que talvez sejamos os únicos que apreciam essa melhoria.

Warner nunca toma seu café conosco. Basicamente, ele nunca para de trabalhar, nem mesmo para comer. O café da manhã é só mais uma reunião para ele, e o toma habitualmente com Delalieu, os dois sozinhos, e mesmo assim não sei se ele come alguma coisa. Warner parece nunca sentir prazer com os alimentos. Para ele, comida é combustível – necessária e, na maior parte do tempo, um estorvo –, algo de

que seu corpo precisa para funcionar. Certa vez, quando estava intensamente envolvido em um trabalho burocrático durante o jantar, coloquei um biscoito em um prato à sua frente, só para ver o que acontecia. Ele olhou para mim, olhou outra vez para seus papéis, sussurrou um discreto “obrigado” e comeu o biscoito com garfo e faca. Sequer pareceu desfrutar do sabor. Desnecessário dizer que isso o torna o exato oposto de Kenji, que ama devorar tudo o tempo todo e que depois me confessou ter sentido vontade de chorar ao ver Warner comendo o biscoito.

Por falar em Kenji, o fato de ele ter furado comigo hoje de manhã é bastante estranho, então começo a me preocupar. Estou prestes a olhar o relógio pela terceira vez quando, de repente, Adam surge ao lado da minha mesa, parecendo desconfortável.

– Oi – cumprimento-o um pouco alto demais. – Está... tudo bem?

Adam e eu interagimos algumas vezes nas últimas duas semanas, mas sempre por acaso. Claro que é incomum vê-lo parado de propósito na minha frente, então, por um momento, fico tão surpresa que quase não percebo o óbvio.

Sua aparência está péssima.

Desleixado. Abatido. Visivelmente exausto. Aliás, se não o conhecesse, juraria que andou chorando. Não pelo fim do nosso relacionamento, espero.

Mesmo assim, antigos impulsos me atormentam, mexendo com sentimentos profundos.

Falamos ao mesmo tempo:

– Você está bem...? – pergunto.

– Castle quer falar com você – ele diz.

– Castle mandou você vir me procurar? – indago, deixando de lado os sentimentos.

Adam dá de ombros.

– Imagino que eu tenha passado pela sala dele bem na hora certa.

– Ah, entendi – tento sorrir. Castle está sempre tentando melhorar minha relação com Adam; ele não gosta de tensão. – Ele falou se quer me ver agora?

– É. – Adam enfia as mãos nos bolsos. – Agorinha mesmo.

– Tudo bem – respondo, e a situação toda parece desconcertante. Adam fica ali parado enquanto reúno minhas coisas, e quero dizer-lhe para ir embora, para parar de me encarar, que isso é estranho, que terminamos há uma eternidade e que foi *estranho* e que você deixou a situação *tão estranha*, mas então percebo que ele não está me encarando. Está olhando para o chão, como se estivesse preso ou perdido em algum lugar da sua própria cabeça.

– Ei... Você está bem? – pergunto outra vez, agora com mais delicadeza.

Espantado, ele ergue o olhar.

– O quê? – gagueja. – O que, é... ah... eu, sim, estou bem. Ei, você sabe, é... – Ele limpa a garganta, olha em volta. – Você, é... hum...

– Eu o quê?

Adam fica irrequieto, percorrendo outra vez a sala com o olhar.

– Warner nunca aparece aqui no café da manhã, né?

Minhas sobrancelhas se arqueiam até invadirem a testa.

– Você está procurando por Warner?

– O quê? Não. Eu só... só fiquei curioso. Ele nunca está aqui. Sabe? É esquisito.

Encaro-o.

Ele não diz nada.

– Não é tão esquisito assim – respondo lentamente, estudando seu rosto. – Warner não tem tempo para tomar café com a gente. Está sempre trabalhando.

– Ah! – exclama Adam, e a palavra parece deixá-lo sem ar. – Que pena.

– É? – Franzo a testa.

Mas Adam parece não me ouvir. Ele chama James, que está devolvendo a bandeja do café da manhã. Os dois se encontram no meio da sala e depois desaparecem.

Não tenho ideia do que fazem o dia todo. Nunca perguntei.

O mistério da ausência de Kenji é solucionado assim que passo pela porta de Castle: os dois estão ali, pensando juntos.

Bato à porta em um gesto de pura educação.

– Olá – cumprimento-os. – Queriam me ver?

– Sim, sim, senhorita Ferrars – responde um Castle ansioso. Levanta-se e gesticula, convidando-me para entrar. – Sente-se, por favor. E, por gentileza... – Aponta para algo atrás de mim. – Feche a porta.

No mesmo instante, fico nervosa.

Dou um passo com cuidado para dentro do escritório improvisado de Castle e observo Kenji, cujo rosto apático não ajuda a aliviar meus medos.

– O que está acontecendo? – pergunto. Em seguida, falo

apenas para Kenji: – Por que não foi tomar café da manhã?

Castle gesticula para que eu me sente.

Faço justamente isso.

– Senhorita Ferrars – fala com urgência. – Recebeu as notícias da Oceania?

– Perdão?

– A resposta. Recebeu sua primeira resposta, não recebeu?

– Sim, recebi – confirmo lentamente. – Mas ninguém deveria saber sobre isso... Eu planejava contar a Kenji durante o café da manhã de hoje.

– Bobagem – Castle me interrompe. – Todo mundo sabe. O senhor Warner certamente sabe. Assim como o Tenente Delalieu.

– O quê? – Olho para Kenji, que dá de ombros. – Como isso é possível?

– Não fique assim tão em choque, senhorita Ferrars. Obviamente, toda a sua correspondência é monitorada.

Meus olhos se arregalam.

– Como é que é?

Castle faz um gesto frustrado com a mão.

– Tempo é essencial, então, se puder, eu preferiria...

– Tempo é essencial *para quê?* – questiono, irritada. – Como posso ajudar se nem sei do que estão falando?

Castle aperta a ponte do nariz.

– Kenji – fala abruptamente –, pode nos deixar a sós, por favor?

– Claro. – Kenji fica rapidamente em pé e simula uma saudação de deboche. Vai andando a caminho da porta.

– Espere – peço, agarrando seu braço. – O que está

acontecendo?

– Não tenho ideia, filha. – Ele ri e solta o braço. – Essa conversa não me diz respeito. Castle me chamou aqui mais cedo para conversar sobre vacas.

– Vacas?

– Sim, você sabe... – Arqueia a sobrancelha. – Gado. Ele vem me pedindo para fazer o reconhecimento de várias centenas de acres de fazendas que o Restabelecimento tem mantido escondidas. Muitas e muitas vacas.

– Que empolgante.

– Na verdade, é sim. – Seus olhos se iluminam. – O metano facilita muito o trabalho de rastreamento. O que nos leva a questionar por que não fizeram nada pra evitar...

– *Metano?* – indago, confusa. – Isso não é um gás?

– Percebo que você não sabe muito sobre estrume de vaca.

Ignoro o comentário dele. Em vez disso, digo:

– Então, foi por isso que você não foi tomar café hoje cedo?

Porque estava analisando cocô de vaca?

– Basicamente isso.

– Bem, pelo menos isso explica o cheiro.

Kenji demora um instante para entender meu gracejo, mas, quando o faz, estreita os olhos. Encosta um dedo em minha testa.

– Você vai direto para o inferno, sabia?

Abro um sorriso enorme.

– A gente se vê mais tarde? Ainda quero fazer aquela nossa caminhada matinal.

Ele bufa, sem se comprometer.

– Qual é? – digo. – Dessa vez vai ser divertido. Garanto.

– Ah, sim, superdivertido. – Kenji revira os olhos enquanto dá meia-volta e lança mais uma saudação para Castle. – Até mais tarde, senhor.

Castle assente para se despedir, mantendo um sorriso radiante no rosto.

Kenji leva um minuto para finalmente passar pela porta e fechá-la, mas, nesse minuto, o rosto de Castle se transforma. O sorriso tranquilo e os olhos animados desaparecem. Agora que ele e eu estamos totalmente sozinhos, parece um pouco abatido, um pouco mais sério. Talvez até... com medo?

E vai direto ao ponto.

– Quando a resposta chegou, o que dizia? Percebeu algo fora de comum na mensagem?

– Não. – Franzo a testa. – Não sei. Se todas as minhas correspondências estão sendo monitoradas, você já não teria a resposta para essa pergunta?

– É claro que não. Não sou eu quem monitora suas correspondências.

– Quem faz isso, então? Warner?

Castle apenas olha para mim.

– Senhorita Ferrars, há algo extremamente incomum nessa correspondência. – Hesita. – Especialmente sendo sua primeira e, até agora, única resposta.

– Certo – falo, confusa. – O que tem de incomum nela?

Castle olha para as próprias mãos. Para a parede.

– Quanto sabe sobre a Oceania?

– Muito pouco.

– Pouco quanto?

Dou de ombros.

– Consigo apontar no mapa.

– Mas nunca esteve lá?

– Está falando sério? – Lanço um olhar incrédulo para ele. – É óbvio que não. Nunca estive em lugar nenhum, lembra? Meus pais me tiraram da escola. Entregaram-me ao sistema. No fim, me jogaram em um hospício.

Castle respira fundo. Fecha os olhos ao dizer com todo o cuidado do mundo:

– Não havia mesmo nada fora do comum na mensagem do comandante supremo da Oceania?

– Não – respondo. – Acho que não.

– Você acha que não?

– Talvez fosse um pouco informal? Mas não me pareceu...

– Informal como?

Desvio o olhar para tentar lembrar.

– A mensagem era realmente curta – conto. – Dizia *mal posso esperar para vê-la*, sem assinatura nem nada.

– Mal posso esperar para vê-la? – De repente, Castle parece confuso.

Faço um gesto de confirmação.

– Não era mal posso esperar para *encontrá-la*, mas para *vê-la*? – questiona.

Confirmo outra vez.

– Como disse, um pouco informal. Mas pelo menos era educado. O que me pareceu um sinal muito positivo, considerando tudo.

Castle suspira pesadamente enquanto gira na cadeira. Agora está encarando a parede, dedos reunidos sob o queixo. Estou estudando os ângulos pronunciados de seu perfil

quando ele fala baixinho:

– Senhorita Ferrars, o que exatamente o senhor Warner lhe contou sobre o Restabelecimento?

Warner

Estou sentado sozinho na sala de conferências, passando a mão distraidamente por meu novo corte de cabelo, quando Delalieu chega. Traz um carrinho de café e o sorriso tépido e trêmulo no qual aprendi a me apoiar. Nos últimos tempos, nossos dias de trabalho têm sido mais corridos do que nunca. Por sorte, jamais usamos nosso tempo juntos para discutir os detalhes desconcertantes dos eventos recentes, e duvido que em algum momento passaremos a fazê-lo.

Sinto uma espécie de gratidão por as coisas se manterem assim.

Aqui, com Delalieu, tenho um espaço seguro onde posso fingir que as coisas mudaram muito pouco na minha vida.

Continuo sendo o comandante-chefe e regente dos soldados do Setor 45; e continua sendo minha obrigação organizar e liderar aqueles que nos ajudarão a enfrentar o resto do Restabelecimento. E, com esse papel, também vem a responsabilidade. Temos muitas coisas a reestruturar enquanto coordenamos nossos próximos passos; Delalieu tem se mostrado fundamental para esses esforços.

– Bom dia, senhor.

Faço um gesto para cumprimentá-lo enquanto serve uma xícara de café para cada um de nós. Um tenente na posição dele não precisaria servir seu próprio café da manhã, mas nós

dois preferimos a privacidade.

Tomo um gole do líquido preto – recentemente, aprendi a desfrutar de seu toque amargo – e solto o corpo na cadeira.

– Alguma informação nova?

Delalieu pigarreia.

– Sim, senhor – confirma, apoiando apressadamente a xícara no pires e derrubando um pouco de café com o movimento. – Esta manhã recebemos algumas informações, senhor.

Inclino a cabeça na direção dele.

– A construção da nova estação de comando está correndo bem. Esperamos concluir todos os detalhes nas próximas duas semanas, mas os aposentos privados já mudarão amanhã.

– Ótimo. – Nossa nova equipe, supervisionada por Juliette, agora é composta por muitas pessoas, com inúmeros departamentos para administrar e – à exceção de Castle, que criou um pequeno escritório para si no andar superior – até o momento todos estão usando minhas instalações pessoais de treinamento como quartel-general central. Embora, a princípio, essa tenha parecido ser uma ideia prática, só é possível ter acesso às minhas instalações de treinamento depois de passar por meus aposentos pessoais. Agora que o grupo vive andando livremente pela base, com frequência entram e saem dos meus aposentos sem sequer serem anunciados.

É evidente que essa situação está me deixando louco.

– O que mais?

Delalieu bate o olho em sua lista e responde:

– Finalmente conseguimos proteger os arquivos do seu pai,

senhor. Demoramos todo esse tempo para localizar e reaver os lotes de documentos, mas deixamos as caixas no seu quarto, senhor, para que possa abri-las quando quiser. Pensei que... – Ele pigarreia. – Pensei que talvez quisesse ver as últimas propriedades pessoais dele antes que sejam herdadas por nossa nova comandante suprema.

Um terror pesado e gelado se espalha por meu corpo.

– Receio que sejam muitos documentos – Delalieu prossegue. – Todos os registros diários dele, todos os relatórios por ele produzidos. Conseguimos encontrar até mesmo alguns diários pessoais. – Delalieu hesita. E então, em um tom que só eu seria capaz de decifrar, conclui: – Espero que as notas dele lhe sejam úteis de alguma forma.

Ergo o rosto e olho nos olhos de Delalieu. Percebo tensão ali. Preocupação.

– Obrigado – agradeço baixinho. – Eu tinha quase me esquecido.

Um silêncio desconfortável se instala e, por um instante, nenhum de nós sabe o que dizer. Ainda não discutimos esse assunto, a morte de meu pai. A morte do genro de Delalieu. Do marido horrível da sua finada filha, minha mãe. Nunca conversamos sobre o fato de Delalieu ser meu avô. De ele ter passado a ser a única figura paterna que me restou neste mundo.

Não é isso o que fazemos.

Por isso, é com uma voz hesitante e nada natural que ele tenta dar continuidade à conversa.

– A Oceania, como você certamente ouviu falar, senhor, afirmou que participaria de um encontro organizado por

nossa nova senhora, nossa Senhora Suprema...

Assinto.

– Mas os outros não vão responder antes de conversarem com o senhor – diz, as palavras agora saindo apressadas.

Ao ouvir isso, meus olhos ficam perceptivelmente arregalados.

– Eles são... – Delalieu pigarreja outra vez. – Bem, senhor, como o senhor sabe, são todos amigos da família e eles... bem, eles...

– Sim – sussurro. – Claro.

Desvio o olhar, encaro a parede. De repente, a frustração parece fazer meu maxilar travar. No fundo, eu já esperava que isso fosse acontecer. Mas, depois de duas semanas de silêncio, realmente comecei a ter esperança de que continuassem se fingindo de mortos. Não recebemos nenhuma comunicação desses antigos amigos de meu pai, nenhuma oferta de condolências, nenhuma rosa branca, nenhum tipo de compaixão. Nenhuma correspondência, como costumávamos fazer diariamente, por parte das famílias que conheci quando criança, famílias responsáveis pelo inferno em que vivemos agora. Pensei que, felizmente, com todo prazer, tivesse sido excluído desse grupo.

Mas parece que não.

Parece que traição não é um crime grave o suficiente para alguém ser deixado em paz. Parece que as várias missivas diárias de meu pai expondo minha “obsessão grotesca por um experimento” não foram suficientes para me excluir do grupo. Ele adorava reclamar em voz alta, meu pai, adorava dividir seus muitos desgostos e desaprovações com seus

velhos amigos, as únicas pessoas vivas que o conheciam pessoalmente. E todos os dias me humilhava bem diante daqueles que conhecíamos. Fazia meu mundo, meus pensamentos e meus sentimentos parecerem pequenos. Patético. E todos os dias eu contava as cartas se empilhando em minha caixa de correio, ladainhas enormes de seus velhos amigos implorando para que eu *usasse a razão*, conforme eles definiam. Para que eu me lembrasse de quem realmente era. Para deixar de constranger minha família. Para ouvir meu pai. Para crescer, ser homem e parar de chorar por minha mãe doente.

Não, esses laços são profundos demais.

Fecho os olhos bem apertado para afastar a sequência de rostos, lembranças da minha infância, enquanto peço:

- Diga a eles que entrarei em contato.
- Não será necessário, senhor - Delalieu afirma.
- Perdão?
- Os filhos de Ibrahim já estão a caminho.

Acontece muito rápido: uma paralisia repentina e breve dos meus membros.

- O que quer dizer com isso? - pergunto, já quase no limite, prestes a perder a calma. - A caminho de onde? Daqui?

Delalieu confirma com um gesto.

Uma onda de calor se espalha tão rapidamente por meu corpo que sequer percebo que estou de pé antes de ter que escorar as mãos na mesa em busca de apoio.

- Como se *atrevem*? - prossigo, de alguma forma ainda conseguindo me manter no limite da compostura. - O completo desprezo deles... Essa mania insuportável de

acharem que têm o direito de fazer qualquer coisa...

– Sim, senhor. Eu entendo, senhor – Delalieu afirma, agora também parecendo aterrorizado. – É só que... como sabe... é o jeito de agir das famílias supremas, senhor. Uma tradição que vem de longa data. Uma recusa de minha parte teria sido interpretada como um ato declarado de hostilidade... E a Senhora Suprema me instruiu a ser diplomático enquanto for possível, então pensei que... Eu... Eu pensei que... Ah, sinto muito, muito mesmo, senhor...

– Ela não sabe com quem está lidando – digo bruscamente.
– Não existe diplomacia com essa gente. Nossa nova comandante suprema não teria como saber, mas você... – Agora adoto um tom mais de aborrecimento do que de raiva.
– Você devia ter imaginado. Valeria a pena enfrentar uma guerra para evitar isso.

Não ergo o olhar para mirá-lo diretamente quando ele diz, com a voz trêmula:

– Sinto muito. Sinto muito mesmo, senhor.

Uma tradição de longa data, sim, de fato.

O direito de ir e vir foi uma prática acordada há muito tempo. As famílias supremas sempre foram bem-vindas nas terras das demais, em qualquer momento, sem a necessidade de um convite. Enquanto o movimento era novo e os filhos eram jovens, nossas famílias se agarraram a esses princípios. E agora essas famílias – e seus filhos – governam o mundo.

Essa foi a minha vida durante muito tempo. Na terça-feira, a criançada reunida na Europa; na sexta, um jantar na América do Sul. Nossos pais eram loucos, todos eles.

Os únicos *amigos* que conheci tinham famílias ainda mais

loucas que a minha. Não quero voltar a ver nenhum deles, nunca mais.

E ainda assim...

Meu Deus, preciso avisar Juliette.

- Quanto a... Quanto à questão dos civis... - Delalieu continua tagarelando. - Andei conversando com Castle, conforme... conforme seu pedido, senhor, sobre como proceder durante a transição para fora dos... para fora dos complexos...

Mas o restante da reunião da manhã passa como um borrão.

Quando finalmente consigo me desprender da sombra de Delalieu, vou direto ao meu alojamento. Juliette costuma estar aqui a essa hora do dia, portanto, espero encontrá-la para poder avisá-la antes que seja tarde demais.

Logo sou interceptado.

- Ah, hum... oi...

Distraído, ergo o rosto e, no mesmo instante, paro onde estou. Meus olhos ficam ligeiramente arregalados.

- Kent - constato em voz baixa.

Uma breve avaliação é tudo de que preciso para saber que ele não está nada bem. Aliás, sua aparência está terrível. Mais magro do que nunca; olheiras escuras e enormes. Totalmente acabado.

E me pergunto se ele me vê da mesma forma.

- Estive pensando... - diz e vira o rosto, um semblante tenso. Pigarreia. - Estive... - Pigarreia outra vez. - Estive

pensando se poderíamos conversar.

Sinto meu peito apertar. Observo-o por um momento, registrando seus ombros tensos, os cabelos desgrenhados, as unhas roídas. Kent vê que o estou encarando e rapidamente enfia as mãos nos bolsos. Quase não consegue me olhar nos olhos.

– Conversar – consigo repetir.

Ele assente.

Expiro silenciosamente, lentamente. Não trocamos uma palavra sequer desde que descobri que éramos irmãos, há quase três semanas. Pensei que a implosão emocional daquela noite tivesse terminado tão bem quanto se poderia esperar, mas muita coisa aconteceu desde então. Não tivemos a oportunidade de reabrir essa ferida.

– Conversar – repito mais uma vez. – É claro.

Ele engole em seco. Olha para o chão.

– Legal.

E de repente sou levado a fazer a pergunta que deixa a nós dois desconfortáveis:

– Você está bem?

Impressionado, ele ergue o rosto. Seus olhos azuis estão arredondados, avermelhados. Seu pomo de adão mexe na garganta.

– Não sei com quem mais falar sobre esse assunto – sussurra. – Não sei quem mais entenderia.

E eu entendo. Imediatamente.

Eu entendo.

Entendo quando vejo seus olhos abruptamente vidrados, tomados por emoção; quando vejo seus ombros tremerem,

mesmo enquanto ele tenta se manter imóvel.

Sinto meus próprios ossos sacudirem.

- É claro - digo, surpreendendo a mim mesmo. - Venha comigo.

Juliette

Hoje é mais um dia frio, daqueles em que todas as ruínas cinza e cobertas de neve mostram sua decadência. Acordo todas as manhãs na esperança de encontrar pelo menos um raio de sol, mas o ar gelado permanece implacável ao afundar os dentes em nossa carne. Finalmente deixamos para trás o pior do inverno, mas até mesmo essas primeiras semanas de março parecem desumanamente congelantes. Ajeito meu casaco em volta do pescoço e nele busco algum calor.

Kenji e eu estamos no que se tornou nossa caminhada diária pelas extensões de terra esquecidas em volta do Setor 45. É ao mesmo tempo estranho e libertador poder andar tranquilamente ao ar livre. Estranho porque não posso deixar a base sem uma pequena tropa para me proteger, e libertador porque é a primeira vez que sou capaz de me familiarizar com nossa terra. Nunca tive a oportunidade de andar calmamente por esses complexos; nunca tive a oportunidade de ver, em primeira mão, o que exatamente havia acontecido com esse mundo. E agora sou capaz de vagar livremente, sem ser interrogada...

Bem, mais ou menos.

Olho por sobre o ombro para os seis soldados acompanhando cada um de nossos movimentos, armas automáticas pressionadas contra o peito enquanto marcham.